

**A FEMECS E A MOBILIZAÇÃO PELA INSERÇÃO DA SOCIOLOGIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTREVISTA COM JÚLIA POLESSA MAÇAIRA<sup>1</sup>**

Camila Lamarão\*

Roberto Mosca Junior\*\*

Vinicius Mayo\*\*\*

**RESUMO:** Entrevista concedida, como as demais que integram o presente número de *Perspectiva Sociológica* (nº 27), como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de aprovação do PL 09/00 no Senado Federal, em 2001, e ao posterior veto de Fernando Henrique Cardoso. Os relatos jogam luz sobre este momento marcante da luta pela reinserção da Sociologia no currículo da Escola Básica. São seis depoimentos de cientistas sociais que se engajaram na campanha pela aprovação do projeto quando eram estudantes e participavam da Federação do Movimento Estudantil de Ciências Sociais (FEMECS). A primeira entrevista é um depoimento de Julia Polessa Maçaira, professora do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas em 2015, através de uma pesquisa iniciada no mesmo ano, no âmbito do Laboratório Lincoln Bicalho Roque, localizado no Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. A iniciativa foi contemplada no edital de projeto de iniciação artística e cultural lançado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II e desenvolvida pelos professores Roberto Mosca Junior e Vinicius Mayo.

**Palavras-Chave:** Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimento Estudantil, Memória.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LABES-UFRJ). Julia Polessa Maçaira atuou ativamente na FEMECS na gestão de 2001 a 2002 e, em 2015, ocasião da entrevista, já pertencia ao quadro de docentes da UFRJ. Tem grande contribuição no campo de ensino de Sociologia, seja por sua militância desde os tempos de estudante, seja como professora e pesquisadora, desenvolvendo tese de doutorado sobre livros didáticos de Sociologia. Ainda atua na formação inicial e continuada de professores na graduação de Ciências Sociais e no Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) também na faculdade de educação da UFRJ. Foi professora de Sociologia em escolas da educação básica, orienta estágio supervisionado, desenvolve projetos de extensão e é uma das organizadoras do Encontro Estadual de Ensino de Sociologia (ENSOC), evento bianual que acontece no Rio de Janeiro. No ano de 2019, fez parte da comissão de organização da 1ª olimpíada de Sociologia do RJ, a primeira do Brasil.

\* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) colaboradora realizando as transcrições das entrevistas presentes nesta edição.

\*\* Professor de Sociologia do Colégio Pedro II e doutorando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, bacharel e licenciado em Ciências Sociais (UERJ) colaborador do LAEDH-CPII na linha de pesquisa Grupo de Estudo em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Revisou as presentes transcrições.

\*\*\* Professor de Sociologia do Colégio Pedro II, mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS-UFRJ). Revisou as presentes transcrições.

**ABSTRACT:** Interview granted, like the others in the present issue of *Perspectiva Sociológica* (n°27), as part of the recovery of the memory of facts and passages related to the approval process of PL 09/00 in the Federal Senate, in 2001, and the subsequent veto by Fernando Henrique Cardoso. The reports shed light on this defining moment in the struggle for the reinsertion of Sociology in the Basic School curriculum. There are six testimonies from social scientists who engaged in the campaign for the project's approval when they were students and participated in the Federation of the Student Movement of Social Sciences (FEMECS). The first interview is a statement by Julia Polessa Maçaira, professor at the Department of Didactics at the Faculty of Education of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). The testimonies are part of a series of interviews carried out in 2015, through a survey initiated in the same year, within the scope of the Lincoln Bicalho Roque Laboratory, located in the Department of Sociology of Colégio Pedro II. The initiative was included in the public notice for an artistic and cultural initiation project launched by the Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture (PROPGPEC) of Colégio Pedro II and developed by professors Roberto Mosca Junior and Vinicius Mayo.

**Keywords:** Teaching Sociology, Sociology in High School, Student Movement, Memory.

**Roberto Mosca & Vinicius Mayo: Bom dia, Julia. Primeiro, queria agradecer pela disponibilidade e por aceitar dar este depoimento. Como foi o início do seu engajamento na luta pela implementação da Sociologia na Educação Básica?**

**Julia Polessa:** Eu entrei no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) no ano de 1998 e comecei a participar do centro acadêmico. A Bianca Brandão, que já era veterana, informou sobre a organização do ENECS que ia acontecer no ano 2000 na UERJ. Então, ela deu essa tarefa de divulgar e participar do ENECS e foi por lá que eu tomei conhecimento do PL 09/2000, o PL do “Padre Roque”.

**R.M. & V.M.: Como foi sua participação no Encontro da UERJ?**

**J.P.:** Existiam vários grupos de discussão, os GDs do ENECS, e eu participei de um sobre o ensino da Sociologia, a reinserção do ensino da Sociologia. A professora Luitgarde estava presente, junto com a Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ). Foi pelo Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais que eu conheci a professora Luitgarde.

**R.M. & V.M.: Depois desse encontro, como você se aproxima da FEMECS?**

**J.P.:** Eu estava na organização do ENECS de 2001, que aconteceu em Recife. Eu fiquei na comissão para conseguir o ônibus e fizemos o pedido para a Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico, através do professor Gian Mario Giuliani, que foi quem

encaminhou o pedido para a Reitoria. A gente conseguiu dois ônibus da UFRJ, inclusive levamos os colegas da UFF, da UERJ e PUC-Rio. O Marquinhos [Marcos Gorinstein] foi quem organizou a viagem de ônibus, com 36hs muito alongadas, sobrevivendo no caminho, porque foi muito mais tempo do que o previsto, o ônibus quebrou, uma série de questões.

Eu cheguei em Recife de avião um pouco antes, porque, no final do ENECS de 2000 na UERJ, assumi a tarefa de participar da comissão do próximo encontro. Eu utilizava o telefone do gabinete da direção do IFCS, porque era assim que a gente se comunicava. Acho que foi por isso que eu consegui essa comunicação com outros estados e com Recife, eu ligava muito para Recife. Além do telefone, utilizávamos também os “malotes” que é a comunicação interna das Universidades. Eu explicava os motivos e eles deixavam usar.

**R.M. & V.M.: Você pode falar sobre o processo de mobilização dos estudantes em torno da tramitação do PL 09/00?**

**J.P.:** O ENECS foi em julho e, em agosto, foi a primeira votação do PL. A gente conseguiu um ônibus da UFRJ, só que foram pouquíssimos estudantes, porque conseguimos o ônibus em cima da hora e tínhamos que ter uma lista antes com o DRE [número de matrícula na UFRJ], com número de documento. Não podia chegar na hora e entrar no ônibus, tinha que ter tido um envio prévio, mas não tinha tido essa organização, então o ônibus foi pela metade.

**R.M. & V.M.: Quais foram os encaminhamentos do ENECS 2001? Poderia aproveitar e falar um pouco mais sobre o processo de mobilização?**

**J.P.:** Na assembleia final do ENECS 2001, teve muita confusão, queima de crachá, se votamos, se somos a favor da Palestina ou não, enfim, todas aquelas polêmicas infundáveis. No final, eu fui para São Paulo, redigir o estatuto da FEMECS. Tínhamos essas comissões: secretaria, finanças, comunicações e relações públicas, e mobilização e eventos. Então, na redação do estatuto, a grande bandeira da FEMECS, naquele ano de 2001, era a luta pela reinserção da Sociologia no ensino médio.

O Rio de Janeiro tomou a decisão de fazer uma coordenação ampliada da comissão de mobilização e eventos com todas as instituições do Rio. Na UFRJ, éramos eu, Marquinhos [Marcos Gorinstein] e a Bel [Isabel Mansur]. A PUC-Rio com Luís Felipe, a Lisa e a Paula Azem. A UFF com Pedro Capra, Maria Fabiana e Flávio Serafini. Na UERJ, o Roberto Mosca e o Paulo Cesar. Então, a gente fazia reuniões, tomava as decisões da coordenação de mobilização e eventos e eu assinava, porque tinha que ter, pelo estatuto, um nome de cada

comissão. A gente vendia as camisetas com a arte do Marcio Malta da UFF, fazia festas e conseguia dinheiro para financiar as atividades. Esse grupo do Rio de Janeiro era bem mobilizado e coeso, a gente era amigo, tinha relações afetivas próximas, o que fortalecia esses laços. A votação do PL foi muito rápida [1ª votação em 28 de agosto], a gente foi para Brasília com um ônibus que tinha o Jefferson da UFF, o Marcio Malta e um grupo da Filosofia do IFCS, que capitaneava essa luta. Porque era a reinserção da Sociologia e da Filosofia, isso a gente não pode esquecer nunca, estávamos sempre juntos. E o Padre Roque, que tinha principalmente essa força, capitaneava um grupo da Filosofia grande. Então, a gente foi à Brasília, chegou lá e a votação foi cancelada, foi adiada para setembro.

**R.M. & V.M.: Estas fotos são de um ato no Rio de Janeiro, na Cinelândia. Você pode falar um pouco sobre elas?**

**J.P.:** Nesse primeiro ato, como poucas pessoas conseguiram ir no ônibus, a gente tirou, no Conselho Nacional de Entidades de Ciências Sociais (CONECS), de fazer atos locais. Enquanto estivesse tendo a votação em Brasília, nos estados iriam ter mobilizações. O Rio de Janeiro fez essa mobilização que estão nessas fotos. Eu não estou porque estava em Brasília.

**R.M. & V.M.: A primeira tentativa de votação foi no dia 28 de agosto. Como foi a segunda votação, em 18 de setembro de 2001?**

**J.P.:** A primeira tentativa de votação foi no dia dessas fotos. Então, vocês [Roberto Mosca Jr., Flávio Serafini, Maria Fabiana, Pedro Capra, Luis Felipe, entre outros] estavam no Rio de Janeiro, enquanto a gente tinha ido com o ônibus da UFRJ para Brasília. Foi adiado e remarcado para 18 de setembro. Foi super frustrante porque a gente não conseguiu nem entrar no plenário. Na segunda vez, a gente conseguiu articular com um personagem que foi muito importante que é o Lejeune Mato Grosso de Carvalho, que organizou um livro que conta essa história do ponto de vista dele, o “Sociologia e Ensino em Debate” da editora UNIJUI, publicado em 2004. Ele foi uma figura que a gente tinha apoio, me ligava muito, tinha uma conexão por telefone, por e-mail e estava no gabinete do Padre Roque. Na segunda votação, o PL foi aprovado com 40 votos a favor e 20 contrários. Nós estávamos em Brasília, pessoas de diferentes estados.

O que a gente fez para entrar no Congresso e assistir à votação de dentro do plenário? O Rodrigo Pereira [Fundação Santo André-SP] propôs de entrar em grupos pequenos, a gente ia para diversas entradas do Congresso, por diversos corredores. A estratégia foi não entrar em

bloco, mas se dividir para conseguir entrar, porque os seguranças viam um monte de estudantes – éramos mais de 40 – e não deixavam entrar.

**R.M. & V.M.: Existia alguma articulação com o gabinete do Padre Roque?**

**J.P.:** O Rodrigo Pereira fez essa articulação, até porque ele tinha esse jogo de cintura, esse *savoir faire* partidário, ele era muito esperto nesse sentido. A gente se dividiu em grupos e passou em cada gabinete, dos possíveis deputados que talvez estivessem indecisos e que não fossem assim tão próximos da base, para votarem a favor. A gente fez um certo *lobby* individualmente, ou em pequenos grupos. Éramos muitos estudantes, acho que cerca de 200 talvez, eu não me lembro exatamente.

**R.M. & V.M.: Eu queria centrar nesse ponto, porque existe uma polêmica, que você mesma falou, sobre o protagonismo da FEMECS nessa articulação. Você avalia que há fatos que representam uma prova do protagonismo da FEMECS? Vocês estudantes estavam lá, essa organicidade que a FEMECS conseguiu, nesse ano de 2001, depois do encontro de Recife. Qual o peso que podemos atribuir à FEMECS nesse processo das votações no Senado?**

**J.P.:** O Lejeune Mato Grosso estava fazendo uma mobilização muito grande. Toda a movimentação por trás do PL tinha a aprovação da Federação Nacional de Sociólogos do Brasil (FNSB) que ele representava e a articulação com outros movimentos sociais. Inclusive tem um manifesto a favor da reinserção da Sociologia e da Filosofia e em um deles não tem a assinatura da FEMECS, só vai ter numa segunda versão [Manifesto em Defesa da Sociologia e Filosofia no Ensino Médio pela Aprovação do PLC 9/00]. Algumas dissertações, por exemplo, sobre o ensino da Sociologia nem têm essa versão, têm a primeira versão que foi divulgada. Nós estudantes entramos um pouco depois, na reta final, mas eu acho que foi muito importante. O Lejeune falou sobre a importância da nossa presença naquele dia, mas como foi tudo muito rápido, pois a gente começou a se mobilizar de julho para setembro, então a nossa força foi na reta final. A gente passava nos gabinetes e os deputados ficavam surpresos de ver aquele monte de jovem determinado e falavam: - “É importante mesmo? Por quê?”. Ficavam testando a gente. A gente fez um movimento no dia e várias vezes fomos expulsos do Congresso, só que voltávamos por outra porta.

**R.M. & V.M.: A aprovação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal do PL do Padre Roque trouxe uma impressão de vitória, depois de tanta mobilização e articulação**

**política. Só que depois veio o veto do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Qual foi a sensação que ficou?**

**J.P.:** O Fernando Henrique Cardoso vetou o PL no dia 08 de outubro de 2001. Eu estava na aula de francês e recebi ligações de vários jornalistas querendo saber qual era o posicionamento da FEMECS a respeito do veto do Fernando Henrique Cardoso. Eu lembro exatamente da hora que recebi a primeira ligação, saí da sala, fui atender o telefone e fiquei falando muito tempo, nem consegui voltar para a aula depois. Foi muito impactante, porque eu soube pela jornalista e me pegou de surpresa, só depois eu preparei um discurso para responder os outros, mas a primeira foi um choque né, eu falei: - “Ah, eu estou chocada!”.

**R.M. & V.M.: Pode falar um pouco mais do sentimento que você teve em relação ao veto?**

**J.P.:** Na época eu achei um absurdo, porque, como pode, foi ele que colocou a Sociologia no mapa, até então todo mundo achava que Serviço Social e Ciências Sociais eram a mesma coisa. Pelo menos, na minha experiência de vida, toda vez que eu falava que estava fazendo Ciências Sociais, achavam que eu ia ser assistente social. Eu não conhecia a obra do Fernando Henrique, ele voltou a ser lido muito recentemente, pelo menos no curso de graduação do IFCS, mas ele não era lido na época que eu estudei. A aprovação não seria um movimento corporativista. O Márcio da Costa escreveu sobre isso na *Habitus*, revista da graduação do IFCS, junto com Santo Conterato, um contra e outro a favor da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio. O Márcio é contra porque ele acha que é um corporativismo, então vai ter Psicologia na escola, para os psicólogos poderem dar aula, Economia na escola, para os economistas poderem dar aula. Eu via como a importância que a Sociologia tem nessa conexão efetiva, de uma interdisciplinaridade de verdade, porque nosso conhecimento se alia com História, Geografia, Filosofia, Língua Portuguesa. Então a gente pode trabalhar, por exemplo, com o professor de Português, de História, um verdadeiro projeto integrado. A Sociologia é muito importante para fazer essa integração, porque ela dialoga com diversos campos de conhecimento. O meu questionamento não era para a garantia do mercado de trabalho, era porque a Sociologia é importante para um jovem que está se formando, não para ele ser um jovem sociólogo, mas para a formação dele, para a atuação dele na vida, no mercado e na formação humana – a Sociologia é fundamental para isso.

**R.M. & V.M.: E hoje, como você avalia a Sociologia na educação básica, depois desse histórico que fizemos? Como é que você, enquanto profissional que atua na formação de**

**professores de Sociologia, vê o futuro, essa história do ensino de Sociologia na educação básica?**

**J.P.:** Nós temos a inserção da Sociologia em 2008 no Brasil. No Rio de Janeiro, que é a realidade que a gente tá focando aqui, tem um tempo por semana no primeiro e no segundo ano, o que são 50 minutos de aula de Sociologia. Tem essa dificuldade grave e essa precarização do trabalho do professor de Sociologia, que tem muitas turmas para dar conta da carga horária e, com o tempo reduzido de aula, com turmas grandes e com a complexidade do que é o ensino, exige muito mais do professor. Não acho que é por isso que ela deva ser excluída, acho que a gente tem que lutar para que a carga horária seja ampliada. Eu acredito que ela não vai ser excluída, ela teve essa inserção recente no PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, ela entrou pela primeira vez em 2012, permaneceu no PNLD de 2015, então acho também que tem uma série de interesses editoriais, mercadológicos. Produção de livros didáticos é um grande investimento, as editoras têm um grande poder de influência sobre as decisões ministeriais e governamentais, etc. Mas acho que não é só por isso, acho que tem tido experiências exitosas no Brasil todo. Eu não vejo a possibilidade do fim da Sociologia, num horizonte próximo, nem distante, mas eu acho que temos que ficar atentos, como é que vai ser essa mudança na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Temos muita força, tem muitas licenciaturas em Ciências Sociais no Brasil, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) priorizou a criação dessas licenciaturas. Então, isso está dando, para mim, uma esperança, um otimismo, mas com muita atenção, a gente tem que ficar atento, batalhar e disputar a base nos órgãos que estão decidindo no Ministério da Educação (MEC).

**Referências Bibliográficas**

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de. **A trajetória Histórica da Luta pela introdução da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil**. In: Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

**SOCIOLOGIA no Ensino Médio: Entrevista com Márcio da Costa e Santo Conterato**. Revista Habitus, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-6, jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11309/8259>.